MEMÓRIA, DITADURA CIVIL-MILITAR E EDUCAÇÃO NA *BRASIL PARALELO*

Elís Saraiva Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3005-2931
Endereço eletrônico: elissaraiva01@gmail.com

Lívia Diana Rocha Magalhães
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0784-6749
Endereço eletrônico: lrochamagalhaes@gmail.com

Palavras-chave: ditadura civil-militar; memória; educação; internet.

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentamos os resultados de nossa pesquisa sobre a mobilização da história e da memória da ditadura civil-militar em produções audiovisuais de amplo alcance disponíveis na internet. O recorte analítico concentrou-se na atuação da produtora Brasil Paralelo (BP), mais especificamente nos filmes *1964: O Brasil entre Armas e Livros* (2019) e *Pátria Educadora* (2020), disponibilizados gratuitamente pela produtora em seu canal no *YouTube*.

Nosso objetivo foi analisar como essas obras empregam recursos audiovisuais e estratégias narrativas para inserir suas interpretações nas disputas historiográficas e educacionais, por meio da mobilização de memórias sociais (Halbwachs, 1990, 2004) associadas à ditadura civil-militar e a uma concepção conservadora de educação.

METODOLOGIA

Do ponto de vista do aporte teórico-metodológico, recorremos ao campo da sociologia da memória em sua dimensão social e coletiva (Halbwachs, 1990, 2004) e às contribuições teóricas do campo da história pública (Santhiago, 2016) para compreender os usos e abusos

da memória (Ricoeur, 2007) e da história da ditadura civil-militar como instrumento de validação político-ideológica de um determinado projeto de sociedade (Magalhães, 2014). Em nossa pesquisa, exploramos materiais audiovisuais da produtora Brasil Paralelo destacando os principais enunciados acerca do período ditatorial e críticas ao sistema de ensino no país nas produções fílmicas *1964: o Brasil entre armas e livros* (2019) e *Pátria Educadora* (2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em linhas gerais, as pesquisas acerca da atuação da BP têm procurado desvelar o *modus operandi* da produtora e as suas filiações político ideológicas, apesar da sua autodeclarada neutralidade (Carvalho; Martini, 2018; Paulo, 2020, entre outros). Destaca-se a sua consolidação enquanto um canal de projeção para diversas vozes das chamadas "novas direitas" (Rocha, 2019) no país:

> Do revisionismo soft de Brasil, a última cruzada, ao revisionismo hard de Brasil, 1964: entre armas e livros, que justifica a ditadura e demoniza seus inimigos, passando pelos ataques a Paulo Freire em Pátria educadora, a BrP mal disfarçava, apesar do recurso retórico à 'imparcialidade', sua filiação ideológica e seu papel na construção da hegemonia política e cultural da extrema-direita. (Gruner; Cleto, 2021, p. 363).

Não obstante, a conjuntura em que a empresa surge e se estabelece é marcado, no campo da comunicação, pela simplificação e amplificação de acesso a materiais audiovisuais, bem como informação e entretenimento e mesmo de sociabilidade estruturada pelas telas que se tornam mediadoras para acesso à realidade (Lipovetsky; Serroy, 2009). A essa constatação pode-se acrescentar as reflexões de Gramsci (2001) acerca da eficiência dos meios audiovisuais[1] como instrumento para difusão da ideologia e da construção de hegemonia por meio da articulação e propalação de uma determinada visão de mundo.

Considerando essas questões, nas produções audiovisuais analisadas, nota-se a mobilização de elementos próprios do gênero documentário, explorando a suposta representação fidedigna da realidade (Rosenstone, 2010) para apresentar uma visão da ditadura civil-militar e da educação profundamente marcada pelo conspiracionismo anticomunista característico de amplos setores ligados ao golpe de 1964 (Motta, 2002) que, hodiernamente, adquire novos contornos. Destaca-se a noção de que, embora os militares

[1] Em seu contexto, o autor falava do teatro, cinema, rádio e televisão.

tenham vencido os comunistas no campo bélico, estes teriam se infiltrado nos campos da cultura e da educação dominando a narrativa histórica sobre o tema.

Considerando as memórias sociais e coletivas como a mobilização do passado a partir de interesses no presente (Halbwachs, 1990, 2004), diríamos que a tentativa de recuperar narrativas que legitimam e justificam o golpe de 1964 se ancora na recuperação de determinadas memórias sociais sustentadas em quadros sociais morais e materiais de base conservadora que referenciam os interesses de grupos e sujeitos ligados às novas direitas. Há um "uso" ou "instrumentalização" da memória (Ricoeur, 2007) como instrumento de validação político-ideológica de um projeto de sociedade (Magalhães, 2014). Essas disputas perpassam principalmente o debate sobre a educação considerada "ideal", partindo da desqualificação da historiografia, dos professores e da educação emancipatória.

CONCLUSÕES

A análise evidenciou que a empresa sistematiza e difunde sua visão política sobre educação e história por meio de tecnologias de comunicação de amplo alcance social, reunindo e amplificando as vozes de intelectuais orgânicos (Gramsci, 2001) vinculados a diferentes vertentes teóricas dos campos neoliberal e conservador. Explorando prioritariamente elementos do gênero documentário e sua "relação 'indexativa' com a realidade" (Rosenstone, 2010, p. 109), evidenciou-se a atuação da empresa na difusão de narrativas associadas à reabilitação da ditadura civil-militar brasileira e à defesa de perspectivas conservadoras no campo histórico e educacional.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Roldão Pires; MARTINI, Mara Rovida. Escravidão e racismo: Análise sobre uma das abordagens dos grupos conservadores-liberais. **REGIT**, v. 10, n. 2, p. 39-57, 2018. Disponível em: http://www.revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT10-A3. Acesso em: 10 ago. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2

GRUNER, Clóvis, CLETO, Murilo. "Sete denúncias": guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. In: OLIVEIRA, R. CHRISTINO, D. e MACHADO JR. E (Org.) **COVID-19 e a Comunicação**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. p. 357-

382. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/covid-19.pdf Acesso em: 06 jun. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. História, Memória e Geração: remissão inicial a uma discussão político-educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 55, p. 94-103, 2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640463. Acesso em: 25 mar. 2025.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **Rebela**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 101-110, jan./abr. 2020. Disponível em: http://iela.ufsc.br/rebela/revista/artigo/os-mitos-da-brasil-paralelo-uma-face-da-extrema-direita-brasileira-2016-2020. Acesso em: 07 jun. 2026.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, C. '**Menos Marx, mais Mises'**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROSENSTONE, Robert A**. A história nos filmes os filmes na história.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. *In*: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R. de; SANTHIAGO, R. (org.). **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-26.